



UNICEPLAC

CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

MARIA CLARA AGUIAR OLIVEIRA

**INTERAÇÃO DOS CAMPOS MÓRFICOS NA MEDICINA VETERINÁRIA:
A Relação humano-animal sob uma visão sistêmica**

Gama-DF
2019

MARIA CLARA AGUIAR OLIVEIRA

**INTERAÇÃO DOS CAMPOS MÓRFICOS NA MEDICINA VETERINÁRIA:
A Relação humano-animal sob uma visão sistêmica**

Trabalho de Conclusão de Curso para avaliação no componente curricular TCC II, Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, na área de Medicina Veterinária.

Orientador: Prof^ªMe. Manuella Rodrigues de Souza Mello.

MARIA CLARA AGUIAR OLIVEIRA

**INTERAÇÃO DOS CAMPOS MÓRFICOS NA MEDICINA VETERINÁRIA:
A Relação humano-animal sob uma visão sistêmica**

Trabalho de Conclusão de Curso para avaliação no componente curricular TCC II, Centro
Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, na área de Medicina Veterinária,
aprovado em 07 / 06 / 2019.

Banca Examinadora



Prof. Me. Manuella Rodrigues de Souza Mello - UNICEPLAC

Orientador



Prof. Dra. Eleonora D'Avila Ersbesdobler - UNICEPLAC

Examinador



Prof. Dra. Tatiana Guerrero Marçola - UNICEPLAC

Examinador

Gama-DF

2019

DEDICATÓRIA

Ao universo pela oportunidade de vida terrena.
A todos os animais por ser a razão para essa jornada.
À Annette e Cleides por terem me concedido a vida.
A meus avós, por darem início a tudo.
Aos meus irmãos por sempre estarem ao meu lado.
Ao meu companheiro Douglas por seu amor, amizade, paciência
e companheirismo.
A todos aqueles que desistiram da missão e resolveram partir.

AGRADECIMENTOS

Ao universo, pela vida, pela força e perseverança para enfrentar as inúmeras dificuldades desta caminhada.

A todos os animais desse universo mágico por ser a razão pela qual sempre quis ser Médica Veterinária, sem saber de tudo que eu teria que enfrentar nesse jogo da vida.

A UNICEPLAC e todo o corpo docente pela eficiência da graduação.

A prof^{me}. Manuella Rodrigues de Souza Mello, minha orientadora por ter acreditado no meu tema e com dedicação, amor e paciência ter contribuído intensamente para elaboração deste trabalho.

A Dr^a Carla Soares por ter me apresentado a Medicina Veterinária holística, onde eu finalmente entendi aonde devo estar. Agradeço por todo conhecimento, experiência e todo apoio prestado durante o fim da graduação e elaboração deste trabalho.

Ao Dr Marcos Fernandes por toda orientação prestada para construção deste trabalho.

A minha mãe Annette por sempre estar presente me dando calma, fé e força de vontade para continuar firme na jornada.

A meu pai Cleides por ter me motivado a dar início a graduação e nunca permitir que ela fosse interrompida, apesar de toda luta.

A minha vó Isabel por sempre ter uma palavra de consolo e persistência.

A minhas irmãs Gislayne, Rafaela, Pâmela e Beatriz por estarem sempre me motivando a acreditar em mim mesma.

As minhas amigas Ana Karolina, Yane e Nyl por serem exemplos e me motivarem a lutar por mim e pelo meu sonho.

Ao Douglas, meu companheiro por sempre estar ao meu lado e sempre me ajudar recuperar o foco.

A todos que acreditaram no meu tema quando ele era tocado em uma conversa aleatória.

A todos que desacreditaram no meu tema quando ele era tocado em uma conversa aleatória.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para que tudo fluísse.

Aos que desistiram da jornada e partiram, por me motivarem a continuar por eles. Que daqui eu consiga fazer minha parte para que o mundo seja melhor e que de onde estiverem, tenham orgulho de mim.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

Arthur Schopenhauer

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Representação de distanciamento de um elemento do seu campo mórfico.....	09
Figura 2 -	Representação dos campos mórficos em diversos sistemas de auto- organização.....	10

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MS	Medicina sustentável
OMS	Organização mundial da saúde

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	3
2.1. UMA VISÃO SISTÊMICA NA CIÊNCIA E NA MEDICINA VETERINÁRIA.	3
2.2. RELAÇÃO HOMEM-ANIMAL	5
2.3. SAÚDE MENTAL E EMOÇÕES DOS ANIMAIS	7
2.4. A TEORIA DOS CAMPOS MÓRFICOS	8
2.4.1. CAUSALIDADE FORMATIVA E RESSONÂNCIA MÓRFICA- OS CAMPOS MÓRFICOS E SUA INTERAÇÃO SOBRE AS RELAÇÕES INTER-ESPÉCIE	9
2.4.2 UMA METÁFORA DE GRANDE IMPACTO, A TEORIA DO CENTÉSIMO MACACO	12
2.4.2 OS CAMPOS MÓRFICOS E O INCONSCIENTE COLETIVO	12
3.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS	13
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	16

INTERAÇÃO DOS CAMPOS MÓRFICOS NA MEDICINA VETERINÁRIA:

A relação humano-animal sob uma visão sistêmica

INTERACTION OF THE MORPHIC FIELDS IN THE VETERINARY MEDICINE:

The human-animal relationship under a systemic vision

MARIA CLARA AGUIAR OLIVEIRA¹

MANUELLA RODRIGUES DE SOUZA MELLO²

**¹Graduanda em Medicina Veterinária do Centro Universitário do Planalto Central
Apparecido dos Santos, Gama-DF.**

**²Professora de Medicina Veterinária do Centro Universitário do Planalto Central
Apparecido dos Santos, Gama-DF.**

RESUMO

A presente revisão de literatura tem como objetivo abordar os princípios de um modelo científico não mecanicista e transmitir a importância e fidedignidade de uma prática médica humanizada baseada na visão sistêmica, usando como ponte a teoria dos campos mórficos. Para isso, inicialmente faz-se um estudo sobre a transição de paradigmas que ocorreu no século XX, a qual deu origem ao modelo científico sistêmico, que enxerga o mundo de forma integral e admite que as práticas científicas, bem como as ciências da saúde, onde a Medicina Veterinária se inclui, devem ser pensadas na totalidade do universo. Posteriormente uma breve consideração sobre a relação homem-animal e possíveis emoções dos animais domésticos é feita, a fim de trazer a ideia de um estudo sistêmico do paciente animal, considerando como este é incluído e enxergado no mundo. Por fim, uma das teorias mais importantes da visão sistêmica é colocada em pauta, a teoria dos campos mórficos, do biólogo Rupert Sheldrake, que afirma a existência de campos que ligam os elementos do universo. Campos que podem moldar ou alterar eventos. O conhecimento dessa teoria pode ser referência para que a Medicina Veterinária sistêmica seja mais reconhecida e colocada em prática.

Palavras-chave: Campos Mórficos. Medicina Veterinária holística. Relação homem-animal. Transição de paradigmas. Rupert Sheldrake. Visão sistêmica.

1. INTRODUÇÃO

É evidente o quanto a ciência tem se desenvolvido e revolucionado a terra desde os séculos passados. Grandes mudanças têm acontecido na tecnologia e na medicina moderna, considerando-se teorias, dados, leis e informações que fazem com que a ciência seja um retrato da verdade. Com o seu desenvolvimento a partir da filosofia grega, um paradigma ficou pré-estabelecido na ciência que foi empregada nos últimos tempos, dando total ênfase a um preceito mecanicista onde existem regras, métodos e determinações que normatizam de que forma o conhecimento é levantado e passado a sociedade (ALVES, 2006; SCHEIFFER, 2014; SHELDRAKE, 2014).

Apesar da significativa influência do paradigma mecanicista, no século XX alguns de seus dogmas e métodos foram questionados por meio de teorias que revolucionaram o meio científico (SANTOS, 1996; SARTORI, 2005; SCHEIFFER, 2014). Esses eventos culminaram no surgimento de um novo paradigma, um pensamento sistêmico, que hoje pode ser chamado de visão sistêmica ou visão holística (SARTORI, 2005; SCHEIFFER, 2014). O propósito é de que o mundo seja visto como um todo agregado, o conhecimento deve ser integral, possuindo como perspectiva a totalidade do universo (CAPRA, 1996; SANTOS, 1996; SARTORI, 2005; SCHEIFFER, 2014). A medicina e a medicina veterinária como parte da ciência passaram por transição neste novo paradigma, tendo surgido métodos que se adequam e se integram na visão sistêmica (CAPRA, 1982).

Na medicina veterinária, o modelo que se apresentou foi de integração. Busca-se associar a medicina tradicional com o sistema veterinário moderno, construindo uma visão holística e uma abordagem medica mais humanistass (KAPHLE *et al.*, 2002). O desenrolar de novos pensamentos, novos métodos e termos também foram acompanhados de evoluções entre as relações interespecie. Levando-se em conta o surgimento deste novo paradigma na medicina veterinária, é importante citar como as relações entre tutores e animais são fundamentais, se tratando de opções terapêuticas e diagnósticas, observou-se plena aceitação de tutores a alternativas recentes que visam tratar o animal de forma sistêmica (LOPES, 2010). A aceitação dos tutores em relação às novas abordagens, com certeza está ligada ao fato de que durante a domesticação dos animais, grandes benefícios foram identificados se tratando da saúde do ser humano, além também do afeto que foi sendo adquirido (FLÔRES, 2009). Logo, os proprietários se mostram mais recíprocos e esclarecidos sobre as possibilidades de manterem qualidade de vida para seus animais (LOPES, 2010).

Todas essas repercussões históricas e científicas fizeram surgir também questionamentos sobre possíveis emoções nos animais domésticos. Ainda que essas manifestações emocionais permaneçam presas na crença mecanicista e os estudos da psicologia animal sejam voltados apenas para os aspectos comportamentais, é difícil pensar que os animais não sofram de problemas semelhantes aos dos seres humanos (PRADA, 2010; PISA, 2018). Existem diversas idéias que tentam explicar ou supor emoções nos animais e dentre elas a teoria dos campos mórficos, do biólogo Rupert Sheldrake pode ser citada (PRADA, 2010). Atualmente essa teoria também é um dos principais conceitos já apresentados na visão sistêmica e propõe que os campos mórficos sejam responsáveis pela organização dos sistemas em que estão associados e podem afetar ou alterar eventos, pensa-se então que não só as emoções animais, mas também a relação humano-animal podem ser sistemas de interação para esses campos (SHELDRAKE, 1981).

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo abranger sobre os princípios de um modelo não mecanicista, transmitir a importância e fidedignidade de uma prática médica veterinária humanizada e baseada na visão sistêmica. Para isso são expostas informações a respeito do surgimento e evolução deste tipo de pensamento na medicina veterinária e como ele está completamente vinculado às relações interespecie e manifestações emocionais nos animais domésticos. Além disso, por meio de um breve estudo sobre a teoria dos campos mórficos objetiva-se avaliar como esses se manifestam e como podem ser uma ponte de interligação entre animal, tutor e médico veterinário. Assim, os campos poderão ser uma referência para o desenvolvimento de uma prática mais voltada para aspectos totalitários, voltada para uma avaliação completa do paciente, onde o médico veterinário deixa de ser apenas um observador e passa a fazer parte do sistema.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Uma visão sistêmica na ciência e na Medicina Veterinária

Em comparação a qualquer outro sistema de pensamento, a ciência possui um maior prestígio intelectual, tendo maior influência em toda a história da humanidade e isso se deve ao fato de que na maioria das vezes as teorias são vistas pelos cientistas e pelas pessoas como um retrato da verdade. Assim, a ciência tem dominado e transformado a terra desde o início do século XIX, trazendo grandes mudanças para as sociedades contemporâneas. Durante seu progresso, a ciência moderna se autenticou, tornou-se uma comunidade com suas próprias regras, métodos e determinações que rege de que forma o conhecimento se constrói e retorna à sociedade. A história da ciência moderna foi influenciada pelos acontecimentos e percepções humanas originados na filosofia grega, determinando o paradigma atual, o mecanicista. Neste paradigma, a ciência se baseia na ideia de que toda a realidade é física ou material. Todos os fatos expostos pela ciência são suficientemente reais, assim como todas as técnicas ministradas pelos cientistas para afirmá-las. Esse sistema de ideias consegue sancionar que a ciência e medicina mecanicista são as únicas que realmente funcionam (ALVES, 2006; SCHEIFFER, 2014; SHELDRAKE, 2014).

Em contrapartida, no século XX houve o início da transição do paradigma mecanicista para um novo paradigma, o sistêmico. Alguns princípios e métodos da ciência foram questionados, devido a descobertas que limitaram o modelo mecanicista, como a teoria da relatividade, de Einstein, o teorema da incompletude de Gödel, entre outras (SANTOS, 1996; SARTORI, 2005; SCHEIFFER, 2014). Para Santos (1996), essa transição se deve ao fato de que os estudiosos passaram a simplificar as leis da ciência e considerar a importância de conhecimentos da natureza mais produtivos e com mais interesse no ser humano. Biologicamente, as interações entre os fenômenos não mecânicos ganharam mais destaque, as leis perderam ênfase e as noções de sistema, de estrutura e de processo receberam notoriedade. Essa visão reconhece a correlação de todos os fenômenos e o fato de que todos os indivíduos e sociedade estão encaixados aos processos naturais (CAPRA, 1996; SARTORI, 2005). Os avanços recentemente adquiridos na ciência, principalmente na biologia, trouxeram em questão as distinções entre seres vivos e matéria inerte, entre seres-humanos e não humanos. Características que antes eram atribuídas somente ao homem, hoje são reconhecidas em propriedade e comportamento em outros seres (SANTOS, 1996).

Como já citado, houveram teorias que colocaram em questão a fidedignidade do modelo científico mecanicista. É possível verificar em teorias como a ordem implicada de David Bohm, a de encontro entre a física e o misticismo oriental de Fritjof Capra, de vocação sistêmica, que havia uma inquietude a respeito do que era estudado e empregado na época. Pode-se dizer que o homem passou a sentir curiosidade sobre questões e seres diferentes de si, onde identificou certas semelhanças entre um e outro (SANTOS, 1996).

A partir desses questionamentos se deu o início para o pensamento sistêmico, tendo surgido em 1920 por biólogos que enfatizaram a visão do ser vivo como um todo integrado, como um sistema formado por diversos subsistemas interligados (SARTORI, 2005; SCHEIFFER, 2014). Para Pereira (2017) toda matéria incluindo seres vivos, natureza e objetos, estão interligados em um ponto de vista subatômico. Este novo paradigma pode ser chamado de visão sistêmica, ou visão holística e reconhece uma correlação entre todos os fenômenos e o fato de que todos os indivíduos e sociedade estão encaixados aos processos naturais (CAPRA, 1996; SANTOS, 1996; SARTORI, 2005; SCHEIFFER, 2014). O conhecimento a ser buscado na visão sistêmica tende a ser um pensamento profundo, que supera distinções entre natureza, cultura, mente, observador e observado, animal e pessoa, sendo um conhecimento que tem como horizonte a totalidade do universo (SANTOS, 1996).

As ciências da saúde também passaram por essa transição, e em alguns aspectos, em determinadas áreas da medicina e em diferentes civilizações os cuidados na saúde emergente são pensados considerando a visão sistêmica (PEREIRA, 2017). O modelo da Ásia Oriental, por exemplo, percebe a saúde como um equilíbrio entre o indivíduo e o ambiente que reside, verifica que há uma ligação entre o médico e o paciente a ser tratado (CAPRA, 1982).

Na medicina veterinária, essa visão também recebe o nome de medicina sustentável (MS) para animais, Medicina Veterinária complementar, Medicina Veterinária Integrativa, Medicina Veterinária holística e Medicina veterinária sistêmica e todas buscam a integração da medicina tradicional com o sistema veterinário moderno, buscando eliminar das melhores formas possíveis terapias protocoladas que podem causar efeitos nocivos posteriormente. O objetivo de base é uma medicina mais humana e acessível para todos e que reconhece a ideia de que o paciente como um todo deve ser tratado, não só a doença que ele possui (KAPHLE *et al.*, 2002; LOPES, 2010).

Dados indicam que a cerca de 30 anos a medicina veterinária holística começou a surgir no mundo ocidental por veterinários que buscavam uma abordagem mais natural, vê-se que o

pensamento sistêmico surgiu a décadas (SCHWARTZ, 1996; LOPES, 2010). Assim, surge o questionamento do por que esse raciocínio não é completamente empregado nas universidades de Medicina Veterinária. Um estudo realizado por Gomes (2004) relatou que o pensamento sistêmico na veterinária ainda está pouco disseminado no Brasil, mas já é bastante empregado em outros países. O mesmo estudo reconhece a importância desse tipo de pensamento e também relata que alguns dos entrevistados para realização da pesquisa admitiram terem sido prejudicados no início da carreira por terem afinidade pela ideia, mas não foram orientados academicamente sobre Medicina Veterinária sistêmica, holística ou complementar.

Sabe-se que a medicina é única, ainda assim é possível reconhecer que existem diferenças expressivas nas práticas usadas de forma geral na Medicina Veterinária que ainda são incorporadas na física Newtoniana. O corpo ainda é visto como uma espécie de máquina e a terapêutica é baseada em consertar as peças com defeito. Apesar disso, a visão sistêmica na Medicina Veterinária busca uma abordagem e perspectiva diferente, mais ampla (LOPES, 2012), busca o entendimento de ligação entre o observador e observado, conforme John Barrow (1988):

“Não podemos mais manter a velha visão cartesiana de que podemos observar a natureza como observadores de pássaros de um esconderijo perfeito. Há uma ligação indissolúvel entre o observador e o que está sendo observado” (BARROW, p. 398, 1988).

2.2 Relação homem-animal

A promoção da domesticação se deu a partir da evolução do ser humano em dietas, culinária e na decisão do uso de roupas, preparando o cenário para a domesticação de plantas e animais (MACPHERSON *et al.*, 2000). Acredita-se que o gato doméstico (*Felis catus*) seja uma das espécies mais numerosas do mundo, e apesar de sua origem ainda ser incerta, estudos arqueólogos indicam que sua domesticação se iniciou há cerca de 8 a 10 mil anos no nordeste da África (VIGNE *et al.*, 2004; DRISCOLL *et al.*, 2007; ALMEIDA, 2015). Quanto aos cães, os estudos indicam que sua domesticação se iniciou a aproximadamente 32 mil anos na Europa (THALMANN, 2013).

Hoje diversos cães e gatos são considerados animais de estimação e desempenham funções diversificadas na sociedade. Podem ser considerados membros da família do tutor ou

podem contribuir para a terapêutica do mesmo (FARACO, 2009). A parceria entre animais e seres humanos por milhares de anos proporcionou diversas vantagens. Além do afeto que o homem passou a sentir, percebeu que os animais poderiam lhe oferecer também algo mais valioso, a promoção da saúde (FLÔRES, 2009).

Após anos de domesticação, sempre em prol das realizações humanas, pesquisadores têm descoberto que a propriedade do animal de estimação tem muitos benefícios mensuráveis, incluindo o aprimoramento psicológico, bem-estar, redução de sentimentos de solidão naqueles que vivem sozinhos, e até mesmo ajudando na recuperação de doenças (BLAZINA *et al.*, 2011). Um aspecto muito importante que não deve deixar de ser enfatizado sobre a relação tutor-animal, é sobre a grande participação do animal no desenvolvimento da felicidade do tutor, segundo Niven (2001), em seu livro “os 100 segredos das pessoas felizes” um dos fatores que contribuem para a felicidade é que se conviva com um animal:

“A relação com os animais nos proporciona uma alegria imediata e provoca sentimentos positivos que contribuem fortemente para nossa felicidade. Ter um animal de estimação aumenta as probabilidades de felicidade em vinte e dois por cento” (NIVEN, p. 78, 2001).

Sob esse aspecto, todas as formas de medição de apego dos tutores para com seus animais são antropocêntricas. Sempre explorando o papel do animal por parte do próprio homem e nunca considerando a personalidade ou comportamento que o animal possa ter nesse sentido. Deste modo, estamos diante do conceito de antropomorfismo, onde há a atribuição de sentimentos e pensamentos humanos a seres não-humanos (SERPELL, 1996; SERPELL, 2005).

Considerando a relação com o gato doméstico, um estudo realizado por Edwards (2007), demonstrou que os felinos possuem com seu tutor uma relação semelhante à de uma criança com sua mãe. A teoria do apego, desenvolvida nos anos 50 do século passado, se aplica perfeitamente a esse comportamento, essa teoria afirma que a relação entre pais e filhos influencia completamente no desenvolvimento desses (BRETHERTON, 1992). As respostas positivas que o responsável proporciona ao animal irão ajudá-lo em seu desenvolvimento de apego, que irão lhe guiar às emoções em suas relações futuras. Assim após a perda de alguém a qual se está apegado, a ansiedade e o luto serão respostas normais (HARRISON, 2014). A personalidade do tutor é outro fator que deve ser evidenciado, ela influencia completamente nas relações humano-animal de companhia (WEDL *et al.*, 2011).

Quanto ao cão, o animal mais escolhido em comparação ao gato, uma das principais razões para que sejam adotados é o vínculo que se cria entre cão e tutor. Em um grupo o que mantém a união entre os elementos é a relação de apego, e esse é um componente adquirido quase que imediatamente entre o cão e o tutor (VOITCH e BERCHELT, 1996).

Um estudo realizado em 1976 sugere que o grau de apreciação do tutor para com seu animal não repercute em seu grau de ligação. Os tutores tendem a ver seus animais como semelhantes a suas personalidades (O'FARREL, 1990) o que realmente pode ser justificado pela teoria dos campos mórficos. É importante citar que a rotina referente à criação de animais de estimação, em diferentes nações contribui de forma expressiva na formação de personalidades, porém, pesquisas sobre essa área são quase nulas, havendo apenas estatísticas (SHELDRAKE, 1999). Contudo, são diversos os estudos que avaliam a ligação dos tutores ao seu animal de estimação (O'FARREL, 1990; SERPELL, 1996), mas os estudos que avaliam a ligação do animal com seu tutor são raros. É possível perceber que há de fato um vínculo emocional entre animal e tutor, um pode dar suporte ao outro e da mesma forma sofrer como o outro, apesar disso, ainda não se tem provas de que maneira mais o tutor pode influenciar sobre a vida desses animais, mas a teoria dos campos mórficos, tenta justificar muitas semelhanças encontradas entre os componentes dessa relação. Considera-se uma espécie de relação híbrida, os laços que os animais têm com as pessoas, assemelham-se aos laços afetivos que animais tem com outros animais e pessoas tem com outras pessoas (SHELDRAKE, 1999).

2.3 Saúde mental e emoções dos animais

Para que seja possível a criação de um conceito para saúde mental animal, é importante que seja levantado o conceito de saúde e bem-estar. Segundo a homeopatia, saúde é o equilíbrio da energia vital, concomitantemente a organização mundial da saúde (OMS), define saúde como a perfeição entre os aspectos físico, mental e social, além da ausência de doenças (PISA, 2018).

Apesar do estudo da psicologia animal ser voltado apenas para os aspectos comportamentais, o pensamento de que os animais vivem em uma bolha e não sofrem problemas semelhantes aos que os seres humanos sofrem, deve ser anulado, principalmente quando se pensa nos indivíduos que vivem em situação de vulnerabilidade. Atualmente existem conceitos que visam relacionar a saúde humano-animal-ambiental, como o “One Health” (saúde

única) e “One Welfare” (bem-estar único), mas para que esses conceitos se tornem tangíveis, é necessária uma visão sistêmica e holística da realidade (FUCHS, 1995; PISA, 2018).

Historicamente e cientificamente, as manifestações emocionais nos animais se mantêm na crença cartesiana ou mecanicista, onde diversas afirmações são tidas como verdade. Dentre as ideias que explicam ou supõem as emoções nos animais podem ser citadas: O cérebro como órgão de manifestação da mente; vias neurais como expressões de emoção; transição evolutiva a partir dos répteis; resíduos filogenéticos no comportamento humanos e adaptações evolutivas, de Charles Darwin, que ganha grande destaque e mais recentemente, saindo da visão mecanicista, a existência dos campos mórficos, do biólogo Rupert Sheldrake (PRADA, 2010), que será o foco de pesquisa do presente trabalho.

As evidências já indicam que as semelhanças entre humanos e animais são inúmeras. Existe um alto grau de proximidade entre as características biológicas, fisiológicas, psicológicas e sociais de humanos e animais. Nas escrituras de Darwin existe clareza sobre o fato de não haverem características unicamente humanas. Uma análise da teoria da evolução das espécies pela seleção natural evidencia que as características mentais se diferem apenas em grau, não em gênero entre as espécies diferentes. Várias emoções e capacidades como amor, memória, atenção ditas serem exclusivamente do homem, são encontradas em animais considerados inferiores, e são apenas quantitativas, não qualitativas (DARWIN, 1897) de forma sucinta, as emoções nos seres humanos são eventos com maior recorrência e reconhecidos efetivamente pelas áreas de conhecimento, já as emoções nos animais são menos reconhecidas, menos estudadas, mas não perdem sua qualidade e intensidade em comparação as emoções humanas. Darwin deixava claro que cães, gatos, vacas, exibem várias das respostas emocionais semelhantes às dos seres humanos. Hoje existem diversas publicações que revelam inteligência e capacidade para compreender informações complexas demonstradas por mamíferos, aves e peixes. Além disso, existem evidências de que os animais são capazes de se comunicar não só com sua própria espécie, mas também com seres humanos. A concepção de que os animais são meras coisas deixou de existir, sabe-se que são seres sencientes, são seres vivos capazes de sofrer. (TRINDADE, 2013).

2.4 A teoria dos campos mórficos

Segundo Sheldrake (1981, 1995, 1999), ainda não é possível definir exatamente o que são os campos mórficos e como estes funcionam, a natureza desses campos ainda continua tão misteriosa quanto à natureza da morfogênese. Existem diversas formas de interpretação para os

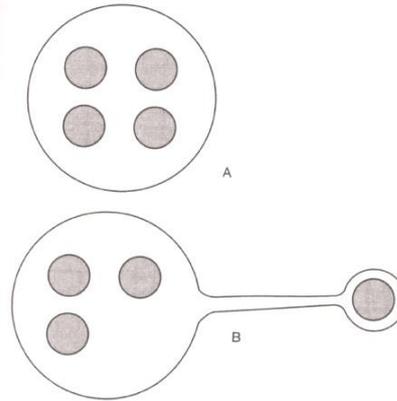
campos mórficos e essas interpretações refletem sobre três filosofias de destaque. Platonicamente, como formas e idéias imutáveis; Aristotelicamente, como herança dos traços das enteléquias, desempenhando papel causal na organização dos sistemas materiais e nominalista, fornecendo formas cômodas da descrição de fenômenos da morfogênese (SHELDRAKE, 1981; WHEATLEY, 1992; SHELDRAKE, 1995, 1999; FERNANDES, 2015).

Partindo para um conceito mais claro, os campos mórficos podem ser comparados a todos os outros campos da física, regiões não materiais que se estendem no espaço e no tempo. Considerando o tempo de existência dos sistemas materiais ou fenômenos naturais, um átomo, um floco de neve ou um ser vivo possuem campos que deixam de existir simultaneamente quando estes se findam. Mas se tratando de campos mórficos, mesmo que esses sistemas deixassem de existir, o seu campo se conservaria, por meio de padrões de influências, manifestando-se em outros lugares, outros tempos e onde as condições se mostrem apropriadas (SHELDRAKE, 1981, 1995, 1999; FERNANDES, 2015).

Os campos são responsáveis pela coordenação das partes de um sistema no tempo e no espaço, compreendendo a memória de sistemas antes semelhantes. A memória coletiva de grupos sociais humanos, como tribos e famílias seria uma herança adquirida através dos campos mórficos. Hábitos, costumes e crenças são responsáveis pelo comportamento apresentado no presente (WHEATLEY, 1992; SHELDRAKE, 1999; FERNANDES, 2015).

Com base na influência desses campos sobre os grupos sociais, onde os animais são pertencentes dos mesmos, nas suas interligações entre espaço e tempo, e na sua ligação entre as partes de um sistema ainda que pareçam estar separadas, existe uma série de habilidades de animais que pode ser explicada por meio dos campos mórficos. Os integrantes de um grupo social são ligados uns aos outros por meio do campo mórfico desse grupo e podem continuar ligados ainda que um se distancie do outro, como uma espécie de encadeamento, conforme Figura 1. Esses laços agiriam como uma espécie de comunicação telepática entre animais e animais, pessoas e animais e pessoas e pessoas. Além disso, os campos ligam os animais aos objetos de sua atenção que podem ser influenciados pelos mesmos, apenas por estarem sendo olhados, logo, pode-se pensar o mesmo a respeito de um tutor com seu animal (WHEATLEY, 1992; SHELDRAKE, 1995, 1999; FERNANDES, 2015)

Figura 1. Representação de distanciamento de um elemento do seu campo mórfico.

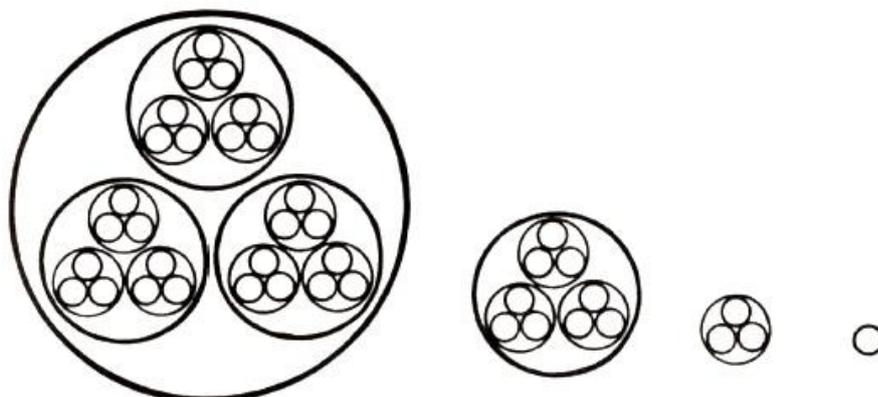


Fonte: SHELDRAKE, 1999.

2.4.1 Causalidade formativa e Ressonância mórfica- Os campos mórficos e sua interação sobre as relações inter-espécie

Segundo Sheldrake (1999) em todos os níveis de diversidade os sistemas de auto-organização necessitam de um campo organizador característico daquele sistema, ou seja, ou seu campo mórfico, conforme Figura 2. Nas plantas e nos animais, o desenvolvimento e a manutenção de sua forma corporal são regidos pelo campo mórfico denominado campo morfogenético, onde diante desse aspecto, pode-se lembrar sobre os padrões fenotípicos e genotípicos. O genótipo de uma pessoa ou animal é a sua constituição genética, já o fenótipo é a expressão que se pode observar de um genótipo, como o seu caráter morfológico, bioquímico ou molecular (FOLADORI, 2000). Já na percepção, comportamento e atividade mental, o campo mórfico é denominado campo perceptivo, campo comportamental e campo mental, respectivamente. Na organização das sociedades e culturas, é denominado de campo social e campo cultural.

Figura 2. Representação dos campos mórficos em diversos sistemas de auto-organização.



Fonte: SHELDRAKE, 1999.

Os campos têm como função conduzir os sistemas a um determinado ponto, esse ponto futuro pode ser denominado como atrator, pois é ele quem atrai as alterações em determinado sistema. Os campos se desenvolvem através de padrões de repetição, que podem ser denominados de caminho, ou creodo, como uma ponte até o atrator (SHELDRAKE, 1995; ARANTES, 2002; BONILLA, 2012).

Para que as informações para organização de cada sistema, por meio dos campos, sejam passadas, existe a influência da ressonância mórfica. Essa ressonância interage sobre os iguais, passando de um para outro as informações e atividades para que estes se tornem cada vez mais similares, quanto maior o grau de similaridade maior é a influência da ressonância mórfica (SHELDRAKE, 1999; ARANTES, 2002; BONILLA, 2012).

Considerando a ideia de ressonância mórfica, os hábitos repetitivos são responsáveis pelo desenvolvimento de novos padrões de comportamento. Existem muitos indícios de que o comportamento animal evolui rapidamente, como uma memória coletiva acumulada através da ressonância mórfica. Comportamentos de plantas e animais são observados sendo moldados como que por meio de campos organizacionais invisíveis, assim, acredita-se que a evolução das espécies não ocorre apenas por meios gênicos, mas também através de campos mórficos (SHELDRAKE, 1999; ARANTES, 2002; BONILLA, 2012).

A ressonância mórfica é a responsável pelo espalhamento dos padrões de comportamento recém-aprendidos de cada espécie. Quanto mais habitual, mas rápida e fácil será a aprendizagem de novas habilidades (WHEATLEY, 1992; SHELDRAKE, 1999; ARANTES, 2002; BONILLA, 2012) assim, considera-se imprescindível a observação dos padrões de comportamento de cada animal doméstico dentro do seu sistema familiar, onde por meio da ressonância mórfica podem estar adquirindo comportamentos semelhantes aos de seus tutores.

Os campos mórficos e conseqüentemente a ressonância mórfica possuem a capacidade de transmitir de animal para animal, ou de pessoa para pessoa, ou de pessoa para animal padrões, que podem ser ditos como telepáticos, dentro de cada grupo social. Esses campos agem como canais de informação ainda que os membros de cada grupo estejam a enormes distâncias (WHEATLEY, 1992; SHELDRAKE, 1995, 1999; ARANTES, 2002; BONILLA, 2012).

Vê-se ou constata-se a existência desses campos quando se avalia a capacidade dos animais de orientar-se até seu lar a longas distâncias. Considerando estudos realizados que anulam o uso do olfato, devido à distância expressiva, sugere-se que as ligações que ocorrem através dos campos permitem a orientação desses animais até o seu destino. Esse tipo de evento pode até mesmo ser comparada a uma espécie de atração magnética, uma conexão do animal a sua casa,

e o mesmo pode ser dito a respeito da ligação do animal para com seu tutor (SHELDRAKE, 1995, 1999).

Diante disto, é importante citar também que segundo Fernandes (2015) é muito comum na rotina clínica veterinária a ocorrência de casos em que o tutor relata que o seu animal apresenta comportamentos semelhantes aos seus, ou até mesmo doenças físicas ou psíquicas parecidas. Em alguns desses casos o animal pode não apresentar a mesma doença, mas comportamentos como os incômodos, ou dores que se assemelham ao tutor. Do mesmo modo pode acontecer o oposto, quando o animal apresenta alterações que não são cessadas com a alternativa terapêutica de predileção e quando questionado aos tutores, estes apresentam alterações similares. Acredita-se, que esses padrões são em decorrência do intenso convívio do animal com seu tutor e que através dos campos mórficos do sistema familiar, esses eventos de repetição e de semelhança possam acontecer.

2.4.2. Uma metáfora de grande impacto, a teoria do centésimo macaco

Dentre uma das hipóteses usadas para representar a existência dos campos mórficos pode-se citar a teoria do centésimo macaco. Essa teoria se define pela descrição de duas ilhas tropicais, a ilha “A” e a ilha “B”, ambas habitadas pela mesma espécie de macaco, mas que nunca tiveram contato. Após infinitas tentativas, um dos macacos da ilha “A” desenvolve a capacidade de quebrar cocos, para aproveitar a água e a polpa da fruta. Os demais macacos passam a observá-lo e imitá-lo e o aprendizado rapidamente se difunde para todos os demais macacos da ilha, até que 99 macacos aprendem o método. Quando o aprendizado chega ao centésimo macaco da ilha A, de forma imediata os macacos da ilha B também desenvolvem a mesma metodologia para quebrar cocos. É importante citar que não houve nenhuma comunicação entre as populações da ilha “A” e “B”, todo o conhecimento adquirido se incorporou aos hábitos da espécie. Apesar de ser uma história fictícia, foi uma ótima alternativa para exemplificar a interação dos campos mórficos. (SHELDRAKE, 1999; ARANTES, 2002; FERNANDES, 2015). O fenômeno de ressonância mórfica pode ser comparado ao conceito elaborado por Konrad Lorenz no ramo da etologia, o conceito de “imprinting” que afirma que os animais adquirem comportamentos semelhantes aos daqueles que se relacionam, isso geralmente se dá ao nascimento onde aprendem habilidades com suas mães (DEL CLARO, 2004). A diferença é que em imprinting, esses comportamentos adquiridos são a partir do nascimento, já na ressonância mórfica a aprendizagem de novas habilidades não depende da fase de vida do indivíduo.

2.4.3. Os campos mórficos e o inconsciente coletivo

A teoria dos campos mórficos de Rupert Sheldrake, quando considerada pelo seu funcionamento de memória coletiva de um grupo social, pode ser comparada ou relacionada em aspectos psíquicos a teoria do inconsciente coletivo, de Carl Jung, devido às semelhanças dos dois autores ao buscarem alternativas para explicarem comportamentos humanos e animais saindo da noção de que apenas teorias com bases experimentais devam ser conhecidas e aclamadas. Além disso, as duas teorias se encaixam, buscando justificar, ou entender o funcionamento dos sistemas, consagrando a hipótese de que os animais e os seres humanos de alguma forma estão conectados (SHELDRAKE, 1997; PRAISNER, 2014; FERNANDES, 2015; FREIRE *et al.*, 2016).

Para Jung (1961) o inconsciente coletivo apresenta um conceito do todo, de universalidade. Já quando se considera o inconsciente de um indivíduo, soma-se o inconsciente pessoal ao inconsciente coletivo, como um conjunto de fatores e eventos para a existência dos mesmos. Do mesmo modo, na teoria dos campos mórficos, como citado anteriormente, há a necessidade de um atrator e de um creodo, sendo uma ideia, um comportamento, uma atitude ou qualquer manifestação realizada por um indivíduo de determinada espécie (JUNG, 1961; SHELDRAKE, 1995; FERNANDES, 2015).

Todos os indivíduos têm acesso a informações universais, seja pelo inconsciente coletivo, seja através dos campos mórficos. Todos os seres vivos carregam registros de suas devidas espécies, que através da evolução são construídos em comportamentos padronizados de forma mórfica, que se manifestam por meio do pensamento ou sentimento de cada indivíduo (PRAISNER, 2014; FERNANDES, 2015; FREIRE *et al.*, 2016).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a transição de paradigmas científicos no século XX, e o surgimento de um pensamento sistêmico é possível reconhecer um processo gradual de evolução humana, mas o aparecimento de mudanças conceituais conseguiu alcançar minimamente as ciências da saúde, como a Medicina Veterinária. Diante da continua domesticação dos animais e intensificação da relação homem-animal, se destacam apenas estudos que comprovam benefícios para a saúde mental e física dos seres humanos, o contrário, estudos e teorias com enfoque sistêmico onde as análises são acerca de como essa interação age sobre os animais, e sobre possíveis

manifestações emocionais desses seres, ainda são insuficientes. Assim, entende-se que apesar de uma transição de paradigmas, o novo pensamento ainda não é amplamente reconhecido. Sabemos que as evoluções são constantes, as transformações no modo de pensar são contínuas e ocorrem de forma gradativa, assim o surgimento da visão sistêmica nas áreas do conhecimento ainda está em construção, vê-se pela elaboração deste trabalho hoje, no século XXI.

A descoberta de escrituras que apresentam a forma como o pensamento sistêmico surgiu e de teorias que justificam não só o grau de ligação entre tutor e animal, mas de todos os seres do universo é realmente algo confortador diante dos poucos dados levantados em comparação ao paradigma mecanicista. A partir das pesquisas para realização do presente trabalho, foi possível constatar não só a importância e fidedignidade da Medicina Veterinária sistêmica, mas também o quanto teorias como a dos campos mórficos devem ser reconhecidas. Considerando-se que maior parte das famílias na sociedade são multiespécie e que ao assumir um atendimento o Médico Veterinário se inclui no sistema familiar, é de extrema importância que o conhecimento sistêmico seja empregado de maneira mais efetiva na graduação de Medicina Veterinária, juntamente com teorias que buscam explicar as relações inter-espécie.

Para um olhar sistêmico no âmbito veterinário não são necessárias grandes comprovações e nem mesmo tecnologias de grande grau de complexidade, pois essa visão se resume na humanização da prática médica. Mas a ciência mecanicista ainda possui um vasto crédito, logo, teorias como a dos campos mórficos usadas para defender o pensamento sistêmico ainda precisarão ser provadas pelo modelo newtoniano, assim como diversas outras teorias que um dia foram marginalizadas e hoje têm reconhecimento. Desse modo, é imprescindível que o aperfeiçoamento de pesquisas nessas áreas de conhecimento passe a ser priorizados.

“Ainda que esse campo de pesquisa ainda esteja engatinhando, é importante reconhecer que não são necessárias grandes tecnologias para identificar a fidedignidade do que está sendo estudado, caneta e papel são suficientes e para pesquisas mais sofisticadas, câmeras de vídeo e computadores são úteis e acessíveis” (SHELDRAKE, 1999).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. J. **Comparação entre bem-estar psicológico do tutor e problemas comportamentais no seu animal de companhia.** Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Faculdade de Medicina Veterinária. Lisboa, PT, 2015.
- ALVES, R. **Filosofia da ciência: Introdução ao jogo e às suas regras.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- ARANTES, J. T. **Ressonância mórfica: A teoria do centésimo macaco.** Rio de Janeiro: Editora Globo S/A, 2002.
- BARROW, J. **The World Within the World.** Clarendon Press, Oxford. 1988. 398p.
- BONILLA, E. **La casualidad formativa. Investigación Clínica.** Universidade de Zulia Maracaibo, Venezuela. 2012.
- BLAZINA, C. *et al.* **The Psychology of the Human–Animal Bond A Resource for Clinicians and Researchers.** Springer is part of Springer Science Business Media, 2011. (www.springer.com).
- BRETHERTON, I. **The origins of attachment theory.** *Developmental Psychology*, 1992.
- CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Editora Cultrix, 1996. 249p.
- DARWIN, C. **The expression of the emotions in man and animals.** New York dappleton and company. 1897. 398p.
- DEL CLARO, K. **Comportamento Animal - Uma introdução à ecologia comportamental.** Editora- Conceito. Jundiaí – SP. 2004
- DRISCOLL, C. *et al.* The Near Eastern Origin of Cat Domestication. **Revista Science**, n.317. 2007.
- EDWARDS, C. *et al.* **Experimental Evaluation of attachment behaviors in owned cats.** *Journal of Veterinary Behavior*. 2007.
- FERNANDES, M. **Cara de um, focinho de outro.** São Paulo, butterfly. 2015. 192p.
- FOLADORI, G. **O comportamento humano em relação a seu ambiente, à luz das teorias biológicas da evolução.** Universidade federal do Paraná. Curitiba-PR. 2000.
- FUCHS, H. **Psicologia animal no Brasil: O fundador e a fundação.** *Psicologia - USP*. Universidade de São Paulo, 1995.
- FLORES, L. **Os benefícios da interação Homem-Animal e o papel do médico veterinário.** Monografia (especialização de clínica médica de pequenos animais) -Universidade Federal Rural do Semi- Árido. Porto Alegre, 2009.

FREIRE, P. S. *et al.* **Memória coletiva: Aproximação epistemológica das teorias de Sheldrake e Jung** Área temática: Gestão do Conhecimento Organizacional. 2016.

GOMES, K. P. L. **Motivações dos médicos veterinários para adoção de terapias alternativas.** Dissertação apresentada à escola de veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção de grau de mestre em medicina veterinária. Belo horizonte, escola de veterinária, UFMG, 2004.

HARRISON, K. **Cat Behavior: Cats Demonstrate Attachment Behaviors Similar to Humans.** FullyFeline, 2014.

JUNG, C. G. 1875-1961. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** [Tradução Maria Luíza Apy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. Perrópolis- RJ. Editora Vozes, 2000.

KAPHLE, K. *et al.* **Visão de uma medicina sustentável para animais.** I Conferência Virtual Global sobre Produção Orgânica de Bovinos de Corte. 2002.

LOPES, D.F. **Terapias complementares usadas na Medicina Veterinária.** PUBVET, Londrina, V. 4, n. 16, Ed. 121, 2010.

LOPES, D. F. **O salto quântico da medicina veterinária.** Revista Saúde Quântica. 2012.

NÍVEN, D. **Os 100 segredos das pessoas felizes: Descobertas simples e úteis dos estudos científicos sobre a felicidade.** Rio de Janeiro, 2001. 95p.

O'FARRELL, V. & PEACHEY, E. **Behavioural effects of ovariohysterectomy on bitches.** Journal of Small Animal Practice. 1990.

PRAISNER, T. **O que há de semelhante entre os conceitos de arquétipo e campos morfogenéticos? Uma aproximação conceitual entre Carl Gustav Jung e Rupert Sheldrake.** Universidade Estadual do Centro-Oeste/Departamento de Psicologia, Irati PR. Anais da XIX Semana de Iniciação Científica. UNICENTRO. Guarapuava –PR. 2014.

PRADA, I. **Emoções nos Animais.** II Congresso brasileiro de bioética e bem-estar animal. Universidade federal de minas gerais- UFMG. Belo Horizonte- MG. 2010.

PEREIRA, R. K. **Interação mente-natureza, vivenciando a física quântica: explicações e experimentos no âmbito das práticas integrativas e complementares de saúde.** Práticas integrativas e complementares em saúde. I congresso nacional de PICS. 2017.

PISA, J. P. N. **Saúde mental dos animais- uma reflexão sistêmica e holística.** Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas. Mestrado em Agroecossistemas. Universidade Federal de Santa Catarina. 2018.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências.** Porto: Afrontamento, 1996.

SARTORI, R. C. **O pensamento ambiental sistêmico: uma análise da comunicação científica da ESALQ/USP.** Dissertação apresentada à escola de agricultura “Luiz de Queiroz”.

Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre em ecologia de agroecossistemas. Piracicaba, São Paulo, Brasil, 2005.

SERPELL, J. **Evidence for an association between pet behavior and owner attachment levels.** Department of Clinical Studies, School of Veterinary Medicine, University of Pennsylvania, Philadelphia, 1996.

SERPELL, J. **People in disguise – anthropomorphism and the human-pet relationship.** In Daston, L. & Mitman, G. **Thinking with animals – new perspectives on anthropomorphism.** Columbia University Press. New York, 2005.

SCHEIFFER, R. G. **Visão sistêmica e holística na ciência: a resignificação do conceito de vida.** Universidade Federal do Paraná. Curso de ciências biológicas. Curitiba 2014.

SCHWARTZ, C. **Quatro Patas Cinco Direções. Um guia de medicina chinesa para cães e gatos.** Publicado por acordo com a Writers House LLC e a Celestial Arts, Berkeley, Califórnia, EUA. 1996. 470p.

SHELDRAKE, R. **A new science of life: the hypothesis of formative causation.** London: BlondanBriggs, 1981. 273p.

SHELDRAKE, R. **Cães sabem quando seus donos estão chegando.** Rio de Janeiro. Objetiva, 1999. 457p.

SHELDRAKE, R. **The presence of the past.** Nova York, vintage books, 1995. 828p.

SHELDRAKE, R. **Ciência sem dogmas: a nova revolução científica e o fim do paradigma materialista.** Tradução Mirtes Frange de oliveira pinheiro. Editora Cutrix. São Paulo. 2014. 397p.

THALMANN, O. *et al.* **Complete mitochondrial genomes of ancient canids suggest a European origin of domestic dogs.** *Revista Science.* 2013.

TRINDADE, G. G. **Animais como pessoas: A abordagem abolicionista de Gary L. Francione.** Universidade Federal de Santa Maria. Centro de ciências sociais e humanas programa de pós-graduação em filosofia. Santa Maria. RS. Brasil. 2013.

VIGNE, J. *et al.* **Early Taming of the Cat in Cyprus,** *Science* n.304, 2004.

WHEATLEY, M. J. **Liderança e a nova ciência: Aprendendo organização com um universo ordenado.** Tradução: Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. Cutrix. São Paulo. 1992.

VOITH, V. & BORCHELT, P. **Separation anxiety in dogs, Readings in Companion Animal Behavior,** Veterinary Learning Systems. 1996.

WEDL, M. *et al.* **Factors influencing the temporal patterns of dyadic behaviours and interactions between domestic cats and their owners.** 2011. *Behavioural Processes.* Elsevier, p. 59, 2011.